

EDITORIAL

Para uma visão integrada de missão

Encontramo-nos em Belém do Pará (Brasil), de 19 a 23 de janeiro de 2015, na sede da Região Brasil Norte, xaverianos representantes das regiões da Colômbia, México, Brasil Norte e Brasil Sul, para o terceiro encontro do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano (CEMLA). Nesta ocasião, apresentamos os trabalhos que nos propomos elaborar no curso do ano, abrindo a participação a outros confrades da região que nos hospedou, como já é prática usual nos nossos encontros. Desta maneira, tivemos a oportunidade de avaliar melhor a caminhada, a receptividade ao nosso trabalho, os assuntos de maior interesse, as possíveis disposições a serem assumidas por nós e pelas respectivas direções regionais.

O intenso e animado debate dos primeiros dias deu origem a algumas importantes inquietações: qual o sentido da nossa presença xaveriana na América Latina, se a orientação da nossa congregação, seguindo seu específico carisma *ad gentes*, aponta por potencializar a ação missionária na Ásia e na África (cf. CGXVI 53.1)? É suficiente afirmar que a animação missionária vocacional e a formação constituem o eixo global em torno do qual articulamos as nossas atividades (cf. CEMLA, Caderno 1, p. 4)? O que se espera realisticamente das quatro regiões latino-americanas em termos de um incremento de recursos humanos e materiais em favor da missão *ad gentes* em outros continentes? Quais são os projetos em andamento, os investimentos a médio prazo e o engajamento efetivo dos confrades nesta perspectiva e nesta expectativa?

O quadro geral suscita perplexidades e questionamentos, visto que a maioria dos confrades, sobretudo em algumas regiões,

está inserida na pastoral missionária e espera da congregação um incentivo, uma motivação, uma orientação para continuar neste caminho. Afinal, a América Latina não é também um campo de missão *ad gentes*? A pastoral indigenista não representa um âmbito específico para a missão dos xaverianos? A recente nomeação de Adolfo Zon Pereira a bispo coadjutor do Alto Solimões não constitui um sinal? No momento em que a congregação aponta para a Ásia e a África, a Igreja confia a um xaveriano uma das fronteiras mais missionárias das Américas.

A nosso ver, a escolha da Ásia e da África como campos privilegiados de missão *ad gentes*, com consequente redefinição das regiões latino-americanas como contextos de animação missionária vocacional e formação, diz respeito a uma opção *estratégica* da congregação, determinada por critérios coerentes com o nosso carisma e com a exigência do primeiro anúncio. Mas não pode ser entendida como uma opção *absoluta*, pois a urgência missionária neste mundo secularizado e pluricultural não existe apenas nestes continentes.

Além do mais, pensar na América Latina como âmbito para uma animação missionária vocacional, pensada e planejada em vista de uma missão universal transcultural, parece algo que tem pouco a ver com a consciência eclesial deste continente. Nossas igrejas locais carecem por demais dessa sensibilidade e desse impulso, ao ponto de entender a missão *ad gentes* entre as coisas que se aceitam e se reconhecem, mas que não empolgam e nem comprometem. O apelo missionário que realmente impacta e que suscita engajamento é “a missão aqui”, feita por todos os batizados, e não primeiramente a missão além-fronteiras realizada por agentes qualificados (cf. *EG* 120). Uma perspectiva de missão por demais ad intra – mas muito pé no chão – e de pouca intimidade com uma visão universal-católica, permeia a vida eclesial dos países da América Latina. Porquanto nesses anos todos provocamos com estímulos, subsídios, intervenções, iniciativas, cursos e eventos de animação missionária, vemos que a caminhada procede a passos muito lentos. Temos que reconhecer que falta ousadia e competência de nossa par-

te: mas também temos a sensação que a palavra “missão” toma outro rumo e adquire outro horizonte de significado na alma religiosa, cristã e eclesial dos nossos povos.

O processo de inserção numa realidade requer que não se coloque a tabela de marcha por cima da marcha do povo (cf. *EG* 82). Estamos aqui para oferecer nossos aportes, mas devemos compreender que uma consciência missionária universal não se impõe e nem se põe de cima para baixo. Pelo contrário, esta brota do chão da vida das comunidades de maneira criativa e articulada com a cultura e a conjuntura eclesial. Como então qualificar a nossa presença na América Latina, encarnando-nos hoje na caminhada de nossas igrejas, sem perder a xaverianidade, procurando também alcançar alguns objetivos concretos no âmbito da animação missionária vocacional?

Para responder a essas inquietações e provocações precisamos rever, integrar, renovar a nossa compreensão de missão. Estamos ainda muito presos e quase obcecados pela identificação da missão *ad gentes* com a “missão estrangeira”. O Vaticano II, há 50 anos, encarregou-se de desfazer de vez essa relação. Ao contrário, nós a mantemos não apenas no nome do instituto, mas também no imaginário das nossas comunidades, nos ideais da nossa consagração, assim como na organização e na política da nossa congregação.

Se olharmos para a história da evangelização recente, a “missão estrangeira” surge no âmbito da cristandade com a distinção entre países não cristãos e países cristãos, ou, como diríamos hoje, países de missão e países de animação e formação missionária. Chama-se exatamente “estrangeira” porque remete a um envio a uma terra distante para anunciar o Evangelho e expandir a presença da Igreja. A realização deste modelo missionário está no deixar tudo e partir para uma meta além-fronteiras. Já o Pe. Manna, em 1929, alertava que o limite intrínseco desse modelo é de ser “estrangeiro” e, portanto, exógeno aos contextos que pretende evangelizar e incapaz de reconhecer verdadeiramente o valor da cultura local. Mas essa noção hoje pode se

tornar “alienante” também para a igreja evangelizadora, se esta lançar a missão longe demais da vida das pessoas, idealizando-a e criando um mito romântico lá fora, inalcançável para a maioria dos batizados.

O Concílio muda substancialmente esse paradigma ao declarar que a missão não é uma atividade e nem um ideal, mas uma essência divina que surge do “amor fontal” do Pai. A Igreja, ao participar da vida e da glória da Trindade, é por natureza missionária e é chamada a cooperar com a missão de Deus no mundo (cf. *AG 2*):

1. A missão, antes de ser uma obra promovida por agentes específicos, é uma dinâmica, um impulso interior, um espírito vital conatural ao jeito de ser da Igreja e de cada cristão.
2. A missão não é mais uma meta além-fronteiras, mas um caminho de seguimento de Jesus que descentraliza¹ e abre ao encontro com os outros e com os pobres, tornando a Igreja peregrina permanentemente hóspede de uns e companheira dos outros.
3. Para o Decreto *Ad gentes*, protagonista da missão não é mais o missionário estrangeiro, mas a Igreja local e o Povo de Deus encarnado numa realidade e articulado mundialmente. Os institutos missionários são chamados apenas a cooperar nesse mutirão, segundo o carisma que lhe é próprio.

A partir destes princípios, brevemente mencionados, podemos intuir que precisamos ampliar as compreensões do nosso carisma de maneira a serem bem mais inclusivas, abrangentes e articuladas com a caminhada de nossas Igrejas. Por exemplo, não podemos transferir a toda hora o nosso engajamento mis-

¹ Cf. FRANCISCO. *A vocação de ser catequista*. O pontífice encoraja a não ter medo de sair de si mesmo para ir ao encontro dos outros [*Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Catequese*, Roma, 27 de setembro de 2013, n. 1], in: *L'Osservatore Romano*, 29 set. 2013, p. 7.

sionário para além-fronteiras, sem que tenhamos um comprometimento efetivo com a pastoral local e com a ação evangelizadora na sociedade onde vivemos: faltaríamos no mínimo com o testemunho, peça chave para uma animação e formação missionária, em particular da juventude.

De resto, vivemos num mundo globalizado que derruba fronteiras e paradigmas, seja negativamente por uma forma neoliberal devastadora de todo tipo de identidade, seja positivamente pela percepção, facilitada pela cultura de comunicação, de que somos uma única família humana. Esse contexto ressalta ainda mais a urgência de uma missão mundial *ad gentes*, ao mesmo tempo em que “desterritorializa” o cristianismo e as outras tradições religiosas, através da entrada da secularidade e da laicidade, junto com a liberdade de religião. Os não-cristãos, hoje, não povoam apenas algumas regiões do planeta, mas transitam em todos os âmbitos das diversas sociedades. Isso não pode nos deixar indiferentes e reféns dos nossos esquemas: é preciso que nos mobilizemos em múltiplas direções.

Esse engajamento deve ter em conta, sem dúvida, os nossos poucos recursos e a estratégia operacional do nosso instituto e de cada região. Contudo, a integração entre pastoral, ação profética na sociedade e envio missionário *ad gentes* deve constituir a alma de nossa espiritualidade, a sabedoria de nossos projetos, a dinâmica da nossa vida em qualquer lugar onde estivermos. Uma visão de missão integrada e unitária em todos os seus aspectos ad intra e ad extra deve permear tudo o que somos: somos missionários por natureza e por prática de vida, na igreja e na sociedade, enviados *ad gentes*. A fragmentação destas instâncias e a obsessão pela especificidade do carisma num mundo tão complexo e em rápidas mudanças são a nossa maior tentação: leva à perda de sentido de uma consagração relacionada a um além-fronteiras possivelmente desconectado da concretude da existência, da comunhão eclesial e do caminho discipular.

Acreditamos que a celebração dos 150 anos do nascimento de São Guido Maria Conforti possa ser uma ocasião para redes-

cobrir uma figura que nos inspira nesta maior integração missionária: ele foi um pastor exemplar, engajou-se ativamente em resolver os conflitos da sociedade de seu tempo e deu vida a um instituto missionário *ad gentes*. Uma vida missionária plena, concreta, situada, unitária, tal como deve ser a nossa.

As contribuições deste segundo caderno querem ir nesta direção de continuar a alimentar um espírito missionário integrado, firmando também uma metodologia de trabalho: resgatar a memória histórica e a riqueza espiritual dos nossos povos; refletir sobre as transformações sócio-culturais que desafiam a nossa missão e apontar possíveis caminhos para a nossa ação e animação missionária na atual conjuntura da América Latina.

Belém, 23 de janeiro de 2015

Estevão Raschietti
Francisco Xavier Martinez
Geraldo Custodio Lopez
Mauro Loda
Pascal Atumissi Bekububo
Rafael Lopez Villaseñor